

REVISTA DIALOGO E INTERAÇÃO

ISSN 1275-3687

18

NÚMERO
02



FACCREI

ENTRE ALTERIDADE E SUBJETIVIDADE: A LEITURA COMO EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA

BETWEEN OTHERNESS AND SUBJECTIVITY: READING AS A TRANSFORMATIVE EXPERIENCE

186

Denise da Silva de Oliveira*

RESUMO: O presente estudo investiga os caminhos da linguagem na constituição da subjetividade, explorando sua interseção com a cultura, a experiência e a emoção. A partir de um viés interdisciplinar, fundamentado na psicanálise lacaniana, na fenomenologia e nos estudos do letramento, a pesquisa discute como a linguagem se apresenta não apenas como um sistema de comunicação, mas como um campo de construção simbólica e afetiva. A análise percorre as relações entre oralidade, escrita e leitura, destacando como esses processos moldam a identidade e possibilitam a experiência da alteridade. A análise também discute como a linguagem medeia emoções e configura práticas culturais, evidenciando que seu papel ultrapassa a simples decodificação de signos e se enraíza em dimensões mais amplas da experiência humana. Ao considerar a leitura como um ato de transformação e deslocamento subjetivo, o artigo enfatiza sua potência na construção do sujeito e na ampliação da percepção do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Subjetividade. Leitura. Alteridade.

ABSTRACT: This article investigates the pathways of language in the constitution of subjectivity, exploring its intersection with culture, experience, and emotion. Adopting an interdisciplinary approach based on Lacanian psychoanalysis, phenomenology, and literacy studies, the research discusses how language functions not only as a communication system but also as a field of symbolic and affective construction. The analysis examines the relationships between orality, writing, and reading, emphasizing how these processes shape identity and enable the experience of otherness. Furthermore, it explores the role of language in mediating emotions and shaping cultural practices, demonstrating that its function goes beyond decoding signs, reaching deeper dimensions of human experience. By considering reading as an act of transformation and subjective displacement, the article highlights its potential in the construction of the self and the expansion of world perception.

*Doutora em Estudos da Linguagem – UEL. Docente na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR/CP.; Docente na Faculdade Cristo Rei – FACCRI. ORCID ID: 0000-0002-7591-8815. E-mail: denisesiloliveira@yahoo.com.br

KEYWORDS: Language. Subjectivity. Reading. Otherness.

1 Introdução

A leitura, ao longo da história, tem sido compreendida como um dos principais meios de acesso ao conhecimento e de formação da subjetividade. Tradicionalmente, foi associada ao desenvolvimento cognitivo e à alfabetização, mas abordagens contemporâneas ampliam essa compreensão, evidenciando seu caráter simbólico, afetivo e social. Além de uma habilidade técnica, a leitura envolve processos interpretativos que mobilizam a identidade do leitor e sua relação com o mundo.

Diante dessa perspectiva ampliada, torna-se essencial investigar a leitura como um fenômeno que vai além da decodificação de signos, incorporando dimensões subjetivas e culturais. A literatura, como manifestação dessa experiência, permite não apenas o contato com diferentes formas de pensar e existir, mas também o deslocamento do leitor entre sua própria visão de mundo e a alteridade. Essa dinâmica reforça a importância de compreender a leitura não apenas como um ato solitário, mas como uma prática que atravessa contextos históricos, sociais e discursivos.

O objetivo deste estudo é analisar a leitura como uma experiência transformadora, articulando suas implicações subjetivas e sua função na mediação entre o Eu e o Outro. A pesquisa busca explorar como o ato de ler pode tanto confirmar identidades e percepções prévias quanto promover deslocamentos que ressignificam a experiência do leitor. Dessa forma, pretende-se discutir a leitura como um espaço de interação entre subjetividade e alteridade, destacando seu potencial reflexivo e crítico.

Para fundamentar essa análise, foram adotadas diferentes perspectivas teóricas, contemplando abordagens fenomenológicas, psicanalíticas e dos estudos do letramento. A fenomenologia da leitura contribui para a compreensão da experiência leitora como um processo de imersão e transformação subjetiva. A psicanálise possibilita discutir o impacto da leitura na constituição do sujeito e na relação com o desejo e a memória. Já os estudos do letramento trazem uma dimensão social à

pesquisa, enfatizando que as práticas de leitura são influenciadas por estruturas culturais e discursivas.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, baseada na revisão bibliográfica e na análise conceitual e interpretativa de textos teóricos. O estudo não se baseia na coleta de dados empíricos, mas na articulação crítica de diferentes perspectivas, buscando problematizar concepções tradicionais da leitura e evidenciar sua complexidade como fenômeno simbólico e socialmente situado. A metodologia utilizada permite uma análise aprofundada sobre a leitura como um espaço de transformação e ressignificação da subjetividade.

O trabalho está organizado em seções que exploram diferentes aspectos da leitura e sua relação com a experiência do leitor. A introdução contextualiza o tema e apresenta os objetivos da pesquisa. Em seguida, são discutidas as principais abordagens teóricas que sustentam a análise. A seção de materiais e métodos detalha a metodologia adotada. Por fim, a discussão dos resultados articula os referenciais teóricos à compreensão da leitura como um fenômeno subjetivo e cultural, culminando nas considerações finais, que sintetizam os principais achados e implicações da pesquisa.

2 A linguagem e a construção do sentido

Um livro é uma ponta de fio que diz: “Aqui parei; toma-me e continua, leitor (Lobato, 1951, p. 45).

Explorar a linguagem significa percorrer um sistema dinâmico de palavras e significados, um processo fundamental para compreender a experiência humana. Desde os primeiros momentos de vida, a interação do indivíduo com seu ambiente e com outras pessoas pode ser marcada por experiências sensoriais intensas, que parecem desempenhar um papel relevante na assimilação e no processamento de informações tanto ambientais quanto sociais. Essas interações podem contribuir para a neuroplasticidade e o desenvolvimento cognitivo, influenciando a forma como o sujeito constrói sua percepção do mundo. Assim, considerar esse processo pode

ajudar a compreender como, desde a infância, a criança começa a interagir com contextos sociais e culturais, atribuindo significados às suas experiências e ampliando progressivamente sua capacidade de expressão verbal.

Esta seção examina a linguagem a partir de uma perspectiva interdisciplinar, considerando sua relação com a subjetividade e o desenvolvimento humano. O estudo compreende a linguagem como um fenômeno que transcende a comunicação, estruturando experiências e identidades (Lacan, 1998). A partir das contribuições de Petit (2010), discute-se o papel da linguagem na articulação das sensações e desejos infantis, enquanto Merleau-Ponty (2005) oferece uma visão fenomenológica sobre sua função na constituição da percepção e do sujeito.

Nesse contexto, ao se inserir em diferentes ambientes sociais e culturais, a criança tende a atribuir sentidos às suas vivências, o que pode favorecer o desenvolvimento da linguagem verbal. A linguagem é frequentemente apontada como um meio essencial pelo qual a criança articula sensações e desejos, conectando seu mundo interno ao externo (Petit, 2010). Dessa forma, mais do que um instrumento de comunicação, a linguagem parece desempenhar um papel significativo na construção da subjetividade e na maneira como os indivíduos interagem com o mundo ao seu redor.

A linguagem pode ser compreendida não apenas como um meio de comunicação, mas como um sistema simbólico que estrutura a experiência e a subjetividade. Entre as abordagens que discutem sua função na constituição do sujeito, a psicanálise lacaniana apresenta um olhar que transcende os aspectos puramente linguísticos e cognitivos. Para Lacan (1986), a linguagem não apenas reflete a realidade, mas a constitui, delimitando a forma como o sujeito percebe e se insere no mundo.

No centro dessa concepção está o conceito de **significante**, termo que Lacan herda de Saussure, mas ressignifica ao situá-lo no campo do inconsciente. Enquanto para a linguística estrutural saussuriana o significante é um elemento da relação binária com o significado, formando o signo linguístico, para Lacan o significante adquire primazia e autonomia dentro da rede simbólica da linguagem. Seu significado não é fixo, mas se desloca continuamente conforme sua articulação com outros

significantes. Dessa forma, o sujeito não preexiste à linguagem, mas é por ela constituído, emergindo a partir das cadeias significantes que o antecedem e o atravessam.

Desde o nascimento, a criança é imersa em um universo de expressões, significados e intenções que provêm dos cuidadores e da sociedade. Essas influências, permeadas por emoções e valores, contribuem para a construção de sua percepção de si e do mundo. O sujeito, segundo Lacan (1998, p. 890), "[v]eiculado pelo significante em sua relação com outro significante, deve ser severamente distinguido tanto do indivíduo biológico quanto de qualquer evolução psicológica classificável como objeto da compreensão". Isso significa que a constituição subjetiva não ocorre de forma isolada, mas se dá a partir da inscrição do sujeito no campo simbólico da linguagem.

No contexto do desenvolvimento infantil, observa-se que a criança não desempenha apenas o papel de receptora passiva da linguagem. Pelo contrário, ela atua ativamente, interpretando e reagindo aos significantes de maneira singular. Esse aspecto sublinha a importância da interação dinâmica entre o indivíduo e a linguagem no desenvolvimento cognitivo e emocional. À medida que a criança se apropria da linguagem, ela não apenas se comunica, mas também se insere em um universo simbólico que orienta suas formas de expressão, sua relação com os outros e sua própria percepção de identidade.

A compreensão da linguagem na infância envolve não apenas a aquisição de um código comunicativo, mas também um processo contínuo de construção de identidade e percepção do mundo. A criança não atua meramente como receptora passiva da linguagem, mas como agente ativo nesse processo, interpretando, ressignificando e reagindo à linguagem de maneira singular. Com o tempo, passa a selecionar, adaptar e, em alguns casos, contestar os significados e valores transmitidos culturalmente. Essa relação dinâmica entre o sujeito e a linguagem pode ser vista como um elemento central no desenvolvimento cognitivo e emocional, permitindo a construção de narrativas próprias e a ampliação da compreensão sobre si mesma e sobre o mundo. Dessa forma, a linguagem não se limita a um instrumento de comunicação, mas pode ser compreendida como um espaço de mediação

simbólica no qual identidades e valores são constantemente negociados e ressignificados.

No que se refere ao contato com textos culturais na infância, Belintane (2017) destaca a relevância da interação mediada pela linguagem na experiência estética e literária da criança. Segundo o autor, essa vivência vai além da simples audição ou leitura, pois se infiltra na imaginação infantil e possibilita a exploração de mundos, personagens e cenários que extrapolam a realidade concreta. A exposição a diferentes expressões culturais, como contos, poesias, canções e lendas, amplia o repertório cognitivo e emocional da criança. Esse contato não se limita à assimilação da informação, mas frequentemente resulta na recriação dos conteúdos lidos ou ouvidos em atividades lúdicas e narrativas espontâneas.

Essa relação com o universo literário e estético pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas, favorecendo uma compreensão mais ampla da diversidade cultural e humana. Ao se identificar com personagens e enredos, a criança tem a oportunidade de desenvolver empatia, compreendendo emoções, motivações e relações humanas de maneira significativa.

A aquisição da linguagem na infância pode ser compreendida como um processo que ultrapassa a mera audição e repetição de signos. Lemos (2002) sugere que esse desenvolvimento envolve uma escuta ativa e interpretativa, aspecto que reforça a complexidade da linguagem como ferramenta fundamental no desenvolvimento cognitivo e emocional. A partir dessa perspectiva, é possível estabelecer um diálogo com a psicanálise lacaniana, que compreende a linguagem como um elemento estruturante do sujeito.

No pensamento de Lacan (1986), a linguagem não se limita à comunicação, mas desempenha um papel constitutivo na formação da subjetividade. Para o autor, a experiência do sujeito é organizada por três ordens: o **real**, o **imaginário** e o **simbólico**. O real refere-se àquilo que não pode ser plenamente simbolizado, ao que escapa à linguagem; o imaginário, por sua vez, está ligado à construção da identidade por meio de imagens e identificações; e o simbólico corresponde à estrutura linguística que organiza a experiência e insere o sujeito na cultura. Nesse sentido, a linguagem não apenas media a interação com o mundo, mas também influencia a forma como

os indivíduos se percebem e se relacionam.

Além disso, a linguagem não opera isoladamente, mas está frequentemente entrelaçada com formas não verbais de comunicação, o que facilita interações sociais baseadas em um código comum. Petit (2009) argumenta que esse entrelaçamento entre linguagem e emoção é central na constituição da experiência humana, pois permite que a comunicação ultrapasse o nível puramente denotativo e acesse dimensões subjetivas mais profundas.

Essa interseção entre linguagem e emoção sugere que a experiência humana é amplamente estruturada pelo que pode ser simbolizado. Como afirma Lacan (1986, p. 271), “[s]e a emoção pode ser deslocada, invertida, inibida, se está engajada numa dialética, é que está presa na ordem simbólica, donde as outras ordens, imaginária e real, tomam lugar e se ordenam”. Ou seja, a linguagem não apenas transmite emoções, mas as organiza dentro de uma estrutura simbólica que define a percepção do sujeito sobre si mesmo e sobre o outro.

Dessa maneira, ao se considerar a linguagem como um dos principais meios de construção da subjetividade, torna-se essencial reconhecer seu papel na singularização do sujeito. Esse entendimento permite avançar na discussão sobre como a arte, utilizando a linguagem como veículo, contribui para a expressão da experiência humana. Assim, a análise da linguagem não se restringe a suas estruturas internas, mas também à forma como ela configura identidades e subjetividades em diferentes contextos culturais.

Esse caráter distintivo, presente em cada indivíduo, manifesta-se também na linguagem, que não apenas comunica, mas expressa a singularidade do sujeito. A enunciação verbal, longe de ser um simples veículo de interação, é marcada pelas experiências, escolhas e subjetividades de quem fala. Dessa forma, a singularidade do sujeito não se opõe à linguagem, mas se revela por meio dela.

Compreender essa dimensão subjetiva da linguagem possibilita um olhar mais atento sobre as formas de expressão individuais, promovendo uma comunicação mais empática e genuína. Assim, valorizar a enunciação verbal significa, ao mesmo tempo, reconhecer que cada sujeito imprime nela sua identidade, suas nuances expressivas e suas experiências singulares.

Ao considerar a relação entre filosofia e linguagem, observa-se que a tradição moderna, sob influência de Descartes (1999) e Kant (1999), conferiu centralidade à noção de consciência como fundamento do conhecimento. Esse enfoque contribuiu para a formulação de um modelo que buscava compreender a relação entre linguagem e percepção da realidade a partir da primazia do sujeito pensante. Nesse contexto, a existência foi amplamente concebida em termos de categorias dualistas, como a distinção entre entidade e consciência (Collares, 2010).

Com o desenvolvimento da Fenomenologia, Husserl (1986) aprofunda essa abordagem ao enfatizar a intencionalidade da consciência e sua relação com o mundo vivido. No entanto, sua proposta mantém a separação entre diferentes ordens da experiência, como matéria e espírito, sujeito e objeto, reforçando um modelo estruturado por dualidades. Em resposta a essa perspectiva, Merleau-Ponty (2005) propõe uma crítica à concepção de consciência estritamente reflexiva, enfatizando a corporeidade do sujeito e sua inserção no mundo sensível. Ao introduzir a ideia de uma "consciência encarnada", o autor questiona a noção de um sujeito puramente cognoscente e argumenta que a percepção é constituída por uma relação indissociável entre corpo, linguagem e mundo. Nesse sentido, sua reflexão conduz a uma ontologia que não se limita à análise da consciência em abstração, mas a entende como um fenômeno que emerge da experiência sensível e intersubjetiva.

Ao ampliar essa discussão, Merleau-Ponty (1999) argumenta que a percepção do mundo não se reduz àquilo que pode ser analisado sob uma lógica científica estritamente causal. A experiência humana é atravessada tanto por estruturas objetivas quanto por vivências subjetivas que moldam a compreensão da realidade. Esse ponto de vista sugere que a linguagem não apenas descreve o mundo, mas participa ativamente da maneira como ele é apreendido e significado. Para o autor, o mundo percebido tende a ser secundarizado em abordagens pragmáticas, o que torna necessário um olhar mais atento para sua dimensão fenomenológica.

Nessa perspectiva, a valorização da arte e da linguagem como formas de apreensão do mundo não implica uma oposição à racionalidade científica, mas aponta para a necessidade de uma visão que reconheça a complementaridade entre diferentes modos de conhecimento. Ao invés de estabelecer uma hierarquia rígida

entre ciência e percepção sensível, Merleau-Ponty sugere que a experiência humana só pode ser plenamente compreendida quando se considera a interseção entre esses domínios.

Ao aprofundar essa análise, observa-se que a relação entre pensamento e linguagem não é unidirecional, mas interdependente. A linguagem não apenas expressa ideias preexistentes, mas também participa ativamente da construção do pensamento e da percepção da realidade. Para além de um sistema de representação, a linguagem opera como um dispositivo de significação em constante movimento, permitindo que conceitos e sentidos sejam continuamente elaborados e reconfigurados. Essa característica se torna especialmente relevante na arte, que se constitui como um espaço privilegiado para a experimentação simbólica, onde o inexprimível pode ser figurado e novos sentidos emergem a partir da ressignificação do familiar.

Nesse contexto, a literatura não se limita a representar a realidade ou a expressar pensamentos pré-formulados; ela inaugura espaços de tensão, ruptura e reinvenção de sentidos. Como manifestação da linguagem, a literatura resgata e transforma tradições discursivas, ao mesmo tempo em que desafia convenções e amplia o horizonte de possibilidades expressivas. Essa dinâmica pode ser comparada à pintura: assim como o artista manipula cores e formas para criar novas formas de percepção, o escritor mobiliza signos e estruturas narrativas para instaurar novas formas de ver e experienciar o mundo. O universo cultural, assim, se configura como um domínio em contínua transformação, onde o novo se insere no tecido do já estabelecido, dando origem a práticas e discursos que redefinem e ressignificam o passado (Chauí, 2000).

A relação entre arte e subjetividade pode ser explorada também a partir da psicanálise. Freud (2011) reconhece a arte como um componente fundamental da experiência humana, destacando seu papel na sublimação e na elaboração de conflitos psíquicos. Para ele, a produção artística pode funcionar como um mecanismo de mediação entre o desejo e a realidade, atuando como um campo onde a fantasia e a simbolização desempenham um papel estruturante. A literatura, nesse sentido, não apenas representa ou traduz experiências, mas permite que o leitor participe

ativamente de processos interpretativos que ressignificam suas próprias vivências e percepções.

Ao considerar a literatura como objeto artístico e cultural, nota-se sua capacidade de revelar um universo de expressões que extrapolam as formas verbais convencionais. Esse entendimento abre caminho para uma reflexão sobre a relação entre linguagem, cultura e memória na constituição das identidades individuais e coletivas.

Belintane (2017), ao abordar a tradição oral lúdico-poética, destaca a importância da confluência entre linguagem e memória, ressaltando que essa intersecção gera um tipo particular de prazer estético, associado à transmissão de narrativas e rituais culturais. Segundo o autor, essa dimensão da oralidade desempenha um papel essencial na manutenção dos laços sociais e na coesão comunitária, permitindo que determinadas experiências sejam compartilhadas e ressignificadas ao longo do tempo.

Nesse sentido, a literatura — seja na tradição oral ou na forma escrita — não apenas preserva memórias culturais, mas também contribui para sua transformação, permitindo a introdução de novas camadas de significado ao longo das gerações. O texto literário, ao rearticular elementos do passado e introduzir novas perspectivas discursivas, possibilita a negociação entre tradição e inovação, conferindo à linguagem um papel ativo na reconstrução das narrativas sociais. Dessa maneira, a literatura pode ser compreendida como um espaço de interação simbólica, no qual diferentes temporalidades, subjetividades e formas de expressão se articulam, promovendo dinâmicas interpretativas que variam conforme o contexto e a experiência do leitor.

Ao considerar o papel da linguagem na sociedade, percebe-se que, em contextos letrados, a leitura e a escrita assumem uma função central na construção das interações sociais e do acesso ao conhecimento. A proficiência nessas habilidades não apenas influencia o desenvolvimento individual, mas também impacta dinâmicas sociais mais amplas, dada sua importância na participação cidadã e na construção de identidades. A dificuldade de interagir linguisticamente em determinados contextos pode restringir as possibilidades de expressão e autonomia

do indivíduo, tornando-o mais vulnerável a formas de exclusão simbólica e social. Nesse cenário, a palavra escrita não se limita a um meio de comunicação, mas se apresenta como um elemento essencial na constituição das relações humanas, desempenhando um papel ativo na organização e na transmissão do conhecimento.

Dessa perspectiva, a leitura se destaca como um processo que ultrapassa a simples decodificação de signos linguísticos, configurando-se como uma experiência interpretativa e subjetiva. Ao mergulhar em um texto, o leitor estabelece um vínculo tanto com sua própria individualidade quanto com os discursos que circulam socialmente, criando uma ponte entre o íntimo e o coletivo. Petit (2009) argumenta que a experiência da leitura não isola o sujeito do mundo exterior; ao contrário, ela o reinsere no tecido social de maneira renovada, proporcionando novas formas de compreender e se relacionar com a realidade.

A complexidade desse fenômeno pode ser observada na forma como a leitura articula subjetividade e compartilhamento de significados. O ato de ler não apenas amplia horizontes cognitivos e culturais, mas também possibilita um processo contínuo de resignificação da experiência, permitindo que o sujeito se veja e se compreenda por meio do outro. Dessa maneira, a linguagem, a leitura e a escrita não operam apenas como instrumentos de comunicação, mas como dimensões fundamentais na constituição do sujeito e na mediação de sua relação com o mundo.

2.1 A experiência da leitura: processos cognitivos e subjetivos

A leitura é uma atividade que transcende a decodificação de signos linguísticos, manifestando-se como um processo dinâmico que envolve múltiplas dimensões da experiência humana. Para Jouve (2002), a leitura é um fenômeno multifacetado que se desdobra em uma série de subprocessos interligados, abrangendo desde aspectos neurofisiológicos — como a percepção visual e as funções cerebrais — até elementos afetivos, ligados às emoções e ao engajamento subjetivo do leitor. Dessa forma, a leitura não se limita a um exercício intelectual, mas mobiliza a sensibilidade e a memória do sujeito, conferindo-lhe um caráter singular e irrepetível.

Sob essa perspectiva, a leitura pode ser compreendida como uma forma de interação entre o leitor e o texto, na qual significados não são apenas extraídos, mas também construídos e ressignificados. Netzel (2021) ressalta que esse processo não ocorre de maneira homogênea, pois, embora determinados significados sejam amplamente compartilhados em um contexto social e cultural, a leitura também permite a emergência de interpretações únicas e pessoais. Cada leitor, a partir de suas vivências e referências subjetivas, estabelece conexões particulares com os textos, atribuindo-lhes sentidos que vão além do que é imediatamente dado.

A leitura, portanto, pode ser vista como um campo de mediação entre a cultura e a subjetividade, onde a palavra escrita adquire um estatuto especial ao articular dimensões racionais e emocionais da experiência humana. Assim, mais do que um meio de transmissão de informações, ela se configura como um espaço de encontro entre diferentes temporalidades, identidades e formas de ver o mundo.

As primeiras leituras de um indivíduo são moldadas por suas vivências, percepções e interações com o mundo, estabelecendo a base sobre a qual a leitura textual será posteriormente desenvolvida. A experiência cotidiana desempenha um papel fundamental nesse processo, pois aquilo que cada pessoa observa e interpreta em seu ambiente influencia sua abordagem e compreensão dos textos escritos.

Freire (1984) ressalta a importância da leitura do mundo como um pré-requisito para a leitura da palavra, destacando que a familiaridade com o contexto é essencial para a interpretação textual. Para o educador, "[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e, por isso, a subsequente leitura desta não pode se desvincular da contínua leitura daquele" (Freire, 1984, p. 11-12). Essa afirmação sublinha a interdependência entre a percepção da realidade e a compreensão da linguagem escrita, evidenciando que a leitura é um processo que se inicia antes mesmo do contato formal com o texto.

Nesse sentido, reconhecer que cada leitor traz consigo um repertório único de experiências e referências permite compreender a leitura como um processo dinâmico e subjetivo. Mais do que a simples decodificação de palavras, ler envolve uma construção ativa de sentidos, continuamente alimentada pelas experiências prévias e pelo conhecimento acumulado ao longo da vida.

A dimensão afetiva da leitura também merece atenção, pois o ato de ler frequentemente evoca lembranças e associações pessoais que ressignificam o conteúdo textual. Palavras, frases ou construções sintáticas podem remeter a situações vividas, despertando emoções que conectam o leitor ao texto de maneira singular. Nesse contexto, Petit (2010) argumenta que a leitura oral, em especial, pode desempenhar um papel significativo na formação do leitor, pois estabelece uma relação sensorial e emotiva com o texto.

Embora as interações sociais sejam influenciadas por múltiplos fatores, o letramento e as modalidades escritas ocupam uma posição de destaque na organização social contemporânea. A valorização da leitura e da escrita reflete não apenas sua função instrumental, mas também seu impacto na construção da identidade, na participação cidadã e na ampliação das formas de expressão.

A experiência da leitura, conforme discutida até aqui, não se limita à decodificação de palavras, mas envolve dimensões subjetivas, culturais e afetivas. No entanto, a leitura e a escrita também operam dentro de um contexto social mais amplo, no qual sua valorização e seu impacto variam de acordo com as práticas culturais e educacionais. Nesse sentido, os estudos sobre **letramento** emergem como um campo fundamental para compreender como a leitura e a escrita se relacionam com as condições históricas e sociais dos indivíduos.

A emergência dos estudos sobre letramento, entre as décadas de 1970 e 1980, deu início a intensos debates acadêmicos, evidenciando tanto a crescente importância do tema quanto a dificuldade em se chegar a um consenso sobre sua definição. O conceito de letramento tem sido abordado sob diferentes perspectivas teóricas, refletindo sua complexidade e suas múltiplas dimensões. Para Gee (2008) e Graff (1991), o letramento não pode ser dissociado de suas implicações sociais, políticas e ideológicas, uma vez que está intrinsecamente ligado às práticas discursivas e ao acesso ao conhecimento. Por outro lado, Hasan (1996) e Halliday (1996) reconhecem esse caráter social e político, mas também enfatizam sua dimensão linguística e cognitiva.

Os **Novos Estudos do Letramento (New Literacy Studies – NLS)** emergem na década de 1980 e se consolidam nos anos 1990 como uma resposta crítica às

concepções tradicionais que, até então, dominavam o campo dos estudos do letramento. Essas abordagens convencionais, fortemente influenciadas pela psicolinguística, concebiam a linguagem principalmente como um código linguístico individual e enfatizavam a aquisição de habilidades técnicas de leitura e escrita. Além disso, estudos das décadas anteriores frequentemente tratavam oralidade e escrita como fenômenos dicotômicos, atribuindo à escrita um status cognitivo superior (Gee, 2015).

Na perspectiva dos **NLS**, entretanto, o letramento não pode ser reduzido a um conjunto de habilidades isoladas, mas deve ser compreendido como uma **prática social situada**, influenciada por fatores históricos, culturais e políticos. Como argumenta Street (2003, p. 1, trad. nossa):

[...] [Os NLS] procuram ressignificar a compreensão acerca da natureza do letramento, desviando a ênfase tradicionalmente atribuída à aquisição de habilidades para focar o letramento enquanto uma prática social. Tal perspectiva engendra o reconhecimento de letramentos múltiplos, que se manifestam de maneira diversificada no tempo e no espaço, e as relações de poder que permeiam tais práticas. Os NLS, portanto, não estabelecem postulados definitivos acerca do letramento e das práticas sociais correlatas, optando, em contrapartida, por problematizar o que é reconhecido como letramento em contextos espaciais e temporais específicos, e indagar quais letramentos são hegemônicos e quais são marginalizados ou subversivos.

Ao enfatizar a pluralidade de práticas de letramento e sua relação com estruturas de poder, os **Novos Estudos do Letramento** propõem uma abordagem mais abrangente, que reconhece sua natureza dinâmica e multifacetada. Esse olhar crítico amplia as possibilidades de análise e intervenção em diferentes contextos, permitindo uma compreensão mais equitativa do letramento e suas implicações sociais.

Essa perspectiva pode ter desdobramentos significativos para a formulação de **políticas educacionais e práticas pedagógicas**, ao incentivar uma reflexão mais aprofundada sobre quais formas de letramento são valorizadas e quais são marginalizadas nos diferentes espaços sociais e institucionais. Dessa maneira, os **NLS** não apenas desafiam concepções tradicionais, mas também convidam à reavaliação de como o letramento é ensinado, praticado e reconhecido em distintos

contextos culturais e educacionais.

A leitura pode ser analisada sob diferentes perspectivas, considerando tanto seu papel como prática social quanto sua complexidade interna como experiência subjetiva e cognitiva. Se, por um lado, os **Novos Estudos do Letramento (NLS)** enfatizam a leitura como uma prática socialmente situada, relacionada a contextos históricos e relações de poder, por outro, estudos como os de Jouve (2002) exploram a multiplicidade de processos internos envolvidos no ato de ler. Essa articulação entre os aspectos externos e internos da leitura permite compreender como o leitor não apenas interage com o texto em um contexto sociocultural, mas também mobiliza estruturas cognitivas, emocionais e simbólicas para dar sentido àquilo que lê.

Dentro dessa perspectiva, Jouve (2002) identifica diferentes instâncias que interagem no processo de leitura de um texto verbal escrito, evidenciando a complexidade do ato de ler. Segundo o autor, a leitura se desdobra em múltiplas dimensões:

- **Neurofisiológica** → Relacionada ao funcionamento do aparelho visual, das funções cerebrais e da memória.
- **Argumentativa** → Diz respeito à interação dialógica entre o leitor e o texto, permitindo uma compreensão mais aprofundada.
- **Simbólica** → Enfatiza a criação de significados dentro do contexto cultural do leitor.
- **Cognitiva** → Refere-se à competência necessária para transmutar palavras e agrupamentos de palavras em elementos de sentido.
- **Afetiva** → Destaca como as emoções, o interesse do leitor e o engajamento influenciam a experiência de leitura.

A atividade de leitura, portanto, envolve um conjunto de subprocessos interligados, que abrangem desde a ativação de conhecimento prévio, identificação e atribuição de funções aos símbolos textuais, até a realização de análises comparativas e estabelecimento de relações com experiências anteriores do leitor. Embora a leitura dependa de condições fisiológicas, perceptivas e neurais, ela

também se articula com aspectos subjetivos, como motivação e engajamento, que impactam a forma como o leitor interage com o texto.

Nesse sentido, a leitura não apenas ativa mecanismos cognitivos, mas também pode evocar lembranças e emoções, remetendo o indivíduo a experiências vividas ao longo da infância e de outras etapas da vida. O ato de ler, assim, se associa à reexperiência e à reativação de memórias subjetivas, sendo edificado em uma relação afetiva e sensorial com o texto. Petit (2010) destaca que a leitura oral, em particular, pode desempenhar um papel crucial na formação do leitor, pois intensifica essa dimensão afetiva da experiência leitora.

Sob essa perspectiva, a leitura estabelece uma conexão afetiva entre o indivíduo e o texto, alterando a forma como ele é percebido e possibilitando a construção de sentidos singulares. Esse vínculo não se restringe ao universo da palavra escrita, mas se manifesta ao longo da vida, influenciando as percepções e práticas leitoras desde a infância até a velhice. Enquanto certos significados são amplamente compartilhados dentro de um contexto social e cultural, outros permanecem individuais, pois a maneira como cada leitor compreende o mundo e interage com textos reflete sua singularidade.

A leitura do texto verbal escrito, no entanto, não é um processo natural ou espontâneo; ela envolve complexidade e demanda aprendizagem e mediação. Seu desenvolvimento está ligado tanto a um ensino estruturado — que mobiliza conhecimentos prévios e aspectos físicos e psicológicos do sujeito — quanto a interações sociais e manifestações culturais. Nesse sentido, a leitura não apenas amplia o repertório simbólico do leitor, mas também influencia sua visão de mundo e sua experiência subjetiva.

Jouve (2002, p. 129) destaca que o impacto da leitura na vida do sujeito pode variar de pequenas mudanças de percepção até consequências significativas:

[...] o impacto da leitura na existência do sujeito é, pois, mais real do que se imagina. Pode assumir formas menores (a lembrança da leitura nos dá a coragem de quebrar alguns códigos), mas também formas extremas. Sabe-se que Tristão e Isolda modificou o equilíbrio amoroso de várias gerações, que certas almas atormentadas do romantismo foram se suicidar no túmulo de Rousseau, que o Werther de Goethe levou adolescentes a se dar a morte,

e que um jovem russo realmente cometeu os dois crimes fictícios de Raskolnikov. É de fato a 'significação' da obra – definida como a passagem do texto para a realidade – que faz a leitura uma experiência concreta.

Essa reflexão evidencia a relação entre leitura e experiência, demonstrando que o impacto dos textos não se limita ao plano simbólico, mas pode influenciar comportamentos, crenças e atitudes. Jouve sugere que a **significação da obra** ocorre na transição entre o texto e a realidade, tornando a leitura uma experiência que ultrapassa a esfera interpretativa e se insere na construção da subjetividade. Dessa forma, a leitura não apenas reflete o mundo, mas participa ativamente da sua configuração na percepção do leitor.

Essa questão leva a um debate mais amplo sobre o papel da leitura na experiência humana. Piegay-Gros (2002) problematiza essa relação ao questionar se a leitura funciona como uma **janela para a alteridade** ou um **espelho de autoafirmação**. Para a autora, ler pode tanto promover o contato com novas perspectivas quanto reforçar crenças e valores já internalizados. Essa indagação remete à experiência do leitor como um mergulho subjetivo, no qual ocorre uma suspensão temporária da identidade habitual, permitindo a imersão no universo textual. A leitura, assim, pode ser vista tanto como um espaço de deslocamento quanto como um lugar de reafirmação do eu, revelando sua complexidade como fenômeno cultural e existencial.

A leitura, nesse contexto, manifesta-se como um ato de deslocamento subjetivo, no qual o leitor se afasta momentaneamente de sua identidade cotidiana para mergulhar no universo delineado pelo texto. Esse movimento, muitas vezes associado à introspecção e à solidão, evidencia a capacidade da leitura de gerar novas perspectivas e experiências simbólicas. Durante esse processo, o leitor adota uma postura distinta daquela que manifesta em sua interação com o mundo real, assumindo uma posição de abertura para a alteridade e para a descoberta de novos sentidos.

Essa suspensão temporária da identidade cotidiana não implica uma ruptura definitiva com o mundo externo, mas um afastamento momentâneo que permite um engajamento profundo com a narrativa. Piegay-Gros (2002) descreve essa

experiência como uma forma de deslocamento simbólico, no qual o leitor se distancia das demandas e expectativas do mundo circundante para se envolver com os pensamentos e lógicas do Outro. Esse distanciamento pode ser interpretado como um convite à alteridade, um processo no qual o leitor se depara com diferentes subjetividades, experiências e formas de pensar.

Dessa forma, a leitura não apenas favorece a introspecção, mas também possibilita uma imersão em universos ficcionais que ampliam a percepção sobre si e sobre o outro. A análise de Piegay-Gros (2002) revela que esse distanciamento momentâneo não implica alienação, mas uma forma de engajamento crítico e reflexivo. O ato de ler pode atuar como um espaço de experimentação subjetiva, permitindo que o leitor se reconstrua a partir das indagações e reflexões suscitadas pelo texto. Assim, ao mesmo tempo em que transporta o leitor para além de sua realidade imediata, a leitura também o reconduz a si mesmo, enriquecido e transformado pelas novas perspectivas que emergem desse encontro com a linguagem.

Conforme elucidado por Jouve (2002), a jornada da leitura ocorre em um movimento contínuo, no qual o leitor inicialmente busca um reconhecimento de suas próprias ideias no texto, uma espécie de confirmação de suas preconcepções. Esse fenômeno é mais evidente em determinados gêneros, como textos teóricos ou bestsellers, que frequentemente dialogam com um público já predisposto a determinadas concepções de mundo. No entanto, a leitura não se limita a esse espelhamento do Eu. O contato com perspectivas divergentes desafia o leitor, provocando um distanciamento reflexivo que possibilita a ampliação de sua compreensão. Esse deslocamento não ocorre apenas para reafirmar quem ele era, mas para revelar quem ele pode se tornar a partir da interação com o pensamento do outro.

A dimensão transformadora da leitura é um ponto de convergência entre Jouve (2002) e Piegay-Gros (2002), ambos destacando a experiência da alteridade como um fator determinante no processo de introspecção e metamorfose subjetiva. Jouve enfatiza que o valor do texto lido não reside apenas no que o leitor reconhece de si mesmo nele, mas, sobretudo, no que ele descobre sobre si ao entrar em contato com

novas formas de pensamento. Essa descoberta é intensificada pela reverberação das ideias do outro, que ressoam no interior do leitor e estimulam sua reflexão.

Nessa mesma linha, Piegay-Gros (2002) reforça essa perspectiva ao sugerir que a leitura opera como um duplo movimento: ao deslocar o pensamento para o alheio, ela possibilita um retorno ao Eu a partir de um novo ângulo. Assim, a leitura não apenas transporta o leitor para diferentes realidades e subjetividades, mas também o reconduz a si mesmo, enriquecido e transformado pelas novas experiências e questionamentos que emergem desse encontro com o texto.

Dessa forma, a leitura se revela como um processo dinâmico e transformador, que não apenas reflete as concepções do leitor, mas também as desafia e ressignifica. Se, por um lado, o ato de ler pode confirmar concepções e reforçar identidades, por outro, o contato com diferentes perspectivas permite um deslocamento subjetivo, favorecendo a abertura para o novo e para o desconhecido. Esse movimento entre familiaridade e estranhamento possibilita uma experiência de alteridade que amplia os horizontes do leitor e reconfigura sua percepção do mundo e de si mesmo.

Ao articular a leitura como um espaço de interação entre subjetividade e cultura, Jouve (2002) e Piegay-Gros (2002) apontam para a complexidade desse fenômeno, que transcende a mera decodificação de signos linguísticos e se insere em uma dimensão simbólica e existencial. A leitura, portanto, não pode ser reduzida a uma função puramente instrumental, mas deve ser compreendida como uma experiência que mobiliza o pensamento, as emoções e a identidade do sujeito.

Ao evidenciar a leitura como uma experiência transformadora, esta pesquisa reforça a importância de compreendê-la para além da decodificação textual, reconhecendo seu papel na subjetividade, na cultura e na construção do conhecimento. Novas investigações podem aprofundar a relação entre leitura e identidade, explorando como diferentes contextos sociais influenciam a experiência leitora. Assim, compreender a leitura como um fenômeno dinâmico e multidimensional permite expandir as discussões acadêmicas e pedagógicas sobre seu impacto na constituição do sujeito e na mediação das relações humanas.

3 Materiais e Métodos

Este estudo adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, fundamentada na revisão bibliográfica de autores que discutem a linguagem em suas dimensões simbólica, subjetiva e cultural. O artigo baseia-se em referenciais da psicanálise lacaniana, da fenomenologia e dos estudos do letramento, visando compreender a linguagem como um fenômeno complexo que transcende sua função comunicativa e se insere na constituição do sujeito e na experiência humana.

A metodologia utilizada consiste na análise conceitual e interpretativa de obras de referência, incluindo Lacan (1998), Merleau-Ponty (2005), Freud (2011), Petit (2009) e Jouve (2002), entre outros. Esses autores são mobilizados para explorar a interseção entre linguagem, subjetividade e cultura, considerando como a oralidade, a escrita e a leitura contribuem para a formação do sujeito e para a mediação das relações sociais.

O recorte teórico abrange ainda os Novos Estudos do Letramento (Street, 2003; Barton, 1994; Gee, 2015), que propõem uma visão ampliada das práticas letradas, e estudos sobre a experiência da leitura e sua relação com a subjetividade e a intersubjetividade. A análise parte da compreensão de que a linguagem não apenas expressa pensamentos, mas também os estrutura, estabelecendo um campo de negociação de sentidos e identidades.

Dessa forma, a pesquisa assume um caráter exploratório e interpretativo, não se baseando em dados empíricos diretos, mas na articulação crítica de conceitos e perspectivas teóricas. O objetivo é oferecer uma reflexão aprofundada sobre o papel da linguagem na construção da subjetividade, no engajamento com a leitura e na relação entre experiência e cultura.

4 Considerações Finais

O estudo buscou refletir sobre a complexidade da linguagem, não apenas como meio de comunicação, mas como um elemento central na constituição da subjetividade e na mediação da experiência humana. Ao longo da análise, foram

discutidas diferentes perspectivas teóricas que apontam para a interseção entre linguagem, cultura e emoção, evidenciando sua relevância na construção de identidades e na interação com o mundo.

A partir do diálogo com a psicanálise lacaniana, a fenomenologia e os estudos do letramento, explorou-se a possibilidade de a linguagem operar como um espaço de negociação simbólica e subjetiva. A leitura, por sua vez, foi abordada não apenas como um ato de decodificação textual, mas como um fenômeno que pode influenciar a percepção de si e do outro, promovendo experiências de deslocamento subjetivo e interação com diferentes formas de conhecimento.

Os aspectos analisados sugerem que a linguagem pode desempenhar um papel fundamental na construção da experiência humana, mas sua influência não é uniforme nem linear. As interações entre oralidade, escrita e leitura podem ser compreendidas de diferentes maneiras, a depender dos contextos históricos, culturais e sociais em que ocorrem. Dessa forma, a compreensão da linguagem como fenômeno em constante movimento permite aprofundar os debates sobre sua relação com a subjetividade e a cultura.

Embora este artigo tenha se concentrado em um recorte teórico específico, outras abordagens e investigações podem contribuir para expandir o debate, explorando como a linguagem se manifesta em práticas concretas e como diferentes experiências individuais e coletivas se entrelaçam na construção de sentidos. A possibilidade de novas pesquisas e perspectivas ressalta a riqueza do tema e a relevância de um olhar interdisciplinar sobre a linguagem, a leitura e a formação do sujeito.

Referências

BARTON, D. **Literacy**: an Introduction to the ecology of written language. Oxford UK: Blackwell, 1994.

BELINTANE, C. **Da corporalidade lúdica à leitura significativa**: subsídios para formação de professores. São Paulo: Scortecci, 2017.

COLLARES, R. L. **Por uma filosofia transvalorativa**: a crítica da consciência moderna em Nietzsche. 2010. 198 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo

DESCARTES, R. **Meditações**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

FREIRE, P. A importância do ato de ler. In: FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1984. p. 9-24.

GEE, J. P. **Social Linguistics and literacies**: ideology in discourses. 3. ed. Baskerville, UK: Taylor & Francis Group, 2008.

GEE, J. P. **The New Literacy Studies from**: The Routledge Handbook of Literacy Studies Routledge, 2015. Disponível em: <https://www.routledgehandbooks.com/doi/10.4324/9781315717647.ch2>. Acesso em: 29 set. 2023.

GRAFF, H. J. **The literacy myth**: Cultural Integration and social structure in the 19th century. New Jersey: Transaction Publishers, 1991.

HALLIDAY, M. A. K. Literacy and linguistics: a functional perspective. In: HASAN, R.; WILLIAMS, G. (Eds.). **Literacy In Society**. New York: Longman, 1996. p. 339-376. 188

HASAN, R. Literacy, everyday talk and society. In: HASAN, R.; WILLIAMS, G. (Eds.). **Literacy In Society**. New York: Longman, 1996. p. 377-423.

HUSSERL. **A ideia da fenomenologia**. Tradução de Artur Morão. Lisboa. Portugal: Edições 70, 1986.

JOUE, V. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Unesp, 2002.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (org.) **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

LACAN, J. A ciência e a verdade. In: LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. p. 869-892.

LACAN, J. **O Seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud. 3. ed. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LEMO, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua Investigação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 42, n. 1, p. 41–70, jan./jun. 2002. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637140>. Acesso em: 28 set. 2023.

MERLEAU-PONTY, M. O mundo percebido. *In*: MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o Invisível**. 4. ed. Tradução José Artur Giannotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2005.

NETZEL, R. M. de A. **Subjetividade leitora na fase inicial da EJA**: compartilhar e pertencer. 2021. 249 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. 2. ed. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

PIEGAY-GROS, N. **Le lecteur, textes choisis & présentés par Nathalie Piegay-Gros**. Paris: GF Flammarion, 2002.

ROJO, R. H. R. Concepções não-valorizadas de escrita: a escrita como "um outro modo de falar". *In*: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 65-89.

ROJO, R. H. R. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: Diferentes modalidades ou gêneros do discurso? *In*: SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 51-74.

STREET, B. What's "new" in new literacy studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**. Columbia: Teachers College, Columbia University, v. 5, n. 2, p. 77-99, 2003.

Recebido em: 29/10/2024.

Aprovado em: 18/12/2024.